

MUDANÇAS NOS MODOS DE FAZER RÁDIO NO PERÍODO PÓS-TELEVISIVO: ESTUDO DE CASO DA RÁDIO INDEPENDENTE, LAJEADO/RS¹

Eduardo Luiz Eggers², Jane Márcia Mazzarino³, Sérgio Luiz Puggina Reis⁴

Resumo: Dentro de um contexto de contínuas mudanças que desafiam o rádio, possivelmente as transformações mais significativas se devem à concorrência com a televisão. Esta pesquisa tem como principal objetivo contextualizar historicamente a evolução do jornalismo no rádio, a fim de investigar as alterações na programação da Rádio Independente após o surgimento da televisão. O método é qualitativo, desenvolvido através de pesquisa bibliográfica, documental, estudo de campo e estudo de caso. O tratamento dos dados foi realizado pela análise textual.

Palavras-chave: História da mídia sonora. Rádio. Televisão. Produção radiofônica. Rádio Independente.

1 INTRODUÇÃO

Sempre que uma nova tecnologia é lançada, a continuidade das outras que se propõem a uma finalidade semelhante é questionada. Observamos isso atualmente na análise entre jornal e internet. O fim do meio impresso já é decretado por alguns pesquisadores em função da crescente produção

1 Trabalho apresentado no GT de História da Mídia Sonora, integrante do 10º Encontro Nacional de História da Mídia, 2015.

2 Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pelo Centro Universitário UNIVATES; repórter, produtor e apresentador de programas na Rádio Independente desde setembro de 2008. edu_egggers@yahoo.com.br

3 Doutora em Ciências da Comunicação pela Unisinos; professora do Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento do Centro de Ciências Humanas e Sociais – Cursos de Comunicação Social da Univates. janemazzarino@gmail.com

4 Mestre em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; professor do curso de Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo da Univates. sergio.reis@gmail.com

jornalística na rede mundial de computadores. Na relação entre rádio e televisão não foi diferente em meados do século XX.

A TV surgiu no Brasil no início da década de 1950. O rádio, então soberano e adorado pela população, percebeu uma forte ameaça à continuidade de suas atividades. O fim desse meio de comunicação foi decretado. A “época de ouro”, fomentada por programas de auditório e radionovelas, cedeu espaço à “fase vitrolão”, em que as emissoras se resumiam a rodar músicas durante a programação. Esse processo foi consequência da migração da audiência e dos patrocinadores para o novo meio, que tem nas imagens sua maior potencialidade.

O hábito das pessoas também se alterou a partir do surgimento da televisão. O horário noturno, considerado nobre no rádio, principalmente pela veiculação de radionovelas, passou a ser o ponto alto da programação televisiva. A adesão do público foi crescendo gradativamente, a ponto de o recém-surgido meio de comunicação ser a referência para o horário.

Para que o anúncio do fim não se confirmasse, o rádio precisou inovar, tanto no conteúdo quanto na tecnologia. Uma linguagem especificamente radiofônica passou a ser utilizada. Ao invés da leitura de notícias do dia anterior veiculadas pelos jornais, repórteres foram às ruas relatar os fatos dos locais onde eles acontecem, tornando esse meio de comunicação imbatível no quesito instantaneidade. De qualquer lugar e a qualquer momento, informações inéditas eram – e ainda são – veiculadas. Constantes desenvolvimentos tecnológicos também foram fundamentais para a recuperação do prestígio das emissoras. O rádio deixou de ser um aparelho espaçoso e praticamente imóvel para se tornar portátil e de consumo individual. Tecnologias de emissão e de produção confirmaram a nova fase que estava começando.

Tendo como pressuposto básico que o surgimento da televisão afetou os modos de fazer rádio, esta pesquisa delimita-se a investigar a influência da televisão no rádio, tomando como estudo de caso uma emissora gaúcha, e como recorte histórico desde a década de 1960 até os dias de hoje.

No dia 1º de abril de 1951 foi instalada em Lajeado, na região central do Rio Grande do Sul, a Rádio Independente AM. A programação inicial era voltada aos programas de auditório, radionovelas e musicais, seguindo a tendência do restante do país. Embora existissem espaços destinados à informação, esses eram restritos.

Com o tempo, porém, o foco no radiojornalismo foi estabelecido. A emissora teve que passar por um período de reformulação para encontrar sua nova identidade. Aos poucos, a descontração dos programas de entretenimento cedeu espaço para a seriedade e a dinamicidade dos conteúdos informativos. Essa transição não aconteceu abruptamente, mas de forma gradual para acostumar a audiência ao novo perfil.

O jornalismo desenvolvido na estrutura produtiva da rádio também foi sendo modificado. Se nos primeiros modelos havia noticiários elaborados a partir da leitura de jornais e da radioescuta, o passo seguinte foi a produção própria de notícias. Para proporcionar agilidade e instantaneidade, a unidade móvel foi instituída, com um repórter relatando os fatos no momento em que eles acontecem. A estrutura dos programas jornalísticos sofreu ajustes.

Não somente no conteúdo houve mudanças. Seguindo a tendência mundial de informatização, a parte técnica de operação e transmissão foi sendo atualizada. Os discos de 78 rotações cederam espaço para cartucheiras, que foram substituídas por fitas cassete. No fim dos anos 90, os computadores tomaram a função de todas essas ferramentas, tornando a produção e a emissão mais prática e ágil.

A repaginada da Independente atraiu a atenção dos patrocinadores. Nessa alteração de foco a empresa deixou de ser uma prestadora de serviços para se tornar uma organização com fins lucrativos. As empresas da região viram na emissora uma vitrine para seus produtos, com expectativa crescente de retorno financeiro. O radiojornalismo enriqueceu o conteúdo e inflou a cartela de clientes.

Atualmente, a emissora é referência no radiojornalismo gaúcho, com programação totalmente voltada à informação e com equipe qualificada para a produção dos conteúdos.

O objetivo do estudo é contextualizar historicamente a evolução do jornalismo no rádio, a fim de investigar as alterações na programação da Rádio Independente após o surgimento da televisão, especificamente em relação a três categorias: produção, profissionais e espaço.

2 MÉTODO

O estudo é exploratório e utiliza o método qualitativo. Quanto aos meios, a pesquisa é bibliográfica, documental, estudo de campo e estudo de caso. A pesquisa bibliográfica foi concretizada a partir de livros e artigos científicos relacionados aos temas rádio, radiojornalismo, televisão e evolução do conteúdo radiofônico a partir da televisão. Entre os livros pesquisados está “Rádio Independente – 60 anos no ar”, que traça o histórico da emissora de 1951 a 2011.

A pesquisa documental foi realizada através da extração de comerciais e reportagens envolvendo o assunto televisão em exemplares da mídia impressa regional das décadas de 1960 e 1970. Para a realização do estudo de campo foram entrevistados o atual diretor-presidente da Rádio Independente, comunicadores e repórteres que trabalham ou trabalharam na emissora e presenciaram a transição do foco da programação a partir do surgimento da televisão.

As experiências do autor desta pesquisa como funcionário da rádio também integram esta etapa, com o objetivo de relatar o atual formato de programação. Para realizar o histórico do rádio no Rio Grande do Sul e obter o detalhamento das técnicas de transmissão radiofônica foram utilizadas informações ofertadas por profissionais da área, repassadas via e-mail. Em relação à televisão, foram realizadas entrevistas e obtidas informações por e-mail com pessoas ligadas ao início da venda de aparelhos na região e às técnicas de transmissão.

A amostra, portanto, é por tipicidade, que consiste na seleção de um subgrupo da população que tem conhecimento sobre o tema da pesquisa e pode representar todo o universo estudado (GIL, 2012).

As entrevistas com funcionários e ex-funcionários da emissora caracterizam-se como semiabertas, com exploração máxima do tema, “exigindo da fonte subordinação dinâmica ao entrevistador” (DUARTE, 2008, p. 64). A entrevista semiaberta possui um roteiro-base, mas também se vale da flexibilidade.

O tratamento dos dados foi realizado através da análise textual qualitativa. Moraes (2007, p. 89) explica que essa técnica propõe descrição e interpretação minuciosa dos elementos extraídos na pesquisa, decorrente de “uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais”, que propicia a compreensão dos fenômenos e dos discursos produzidos.

Consideramos que o estudo qualitativo, de base bibliográfica e documental, com estudo de campo sobre um caso específico mostra-se adequado, tendo em vista que se pretende contextualizar historicamente a evolução do jornalismo no rádio (estudo bibliográfico) e as alterações na programação das emissoras após o surgimento da televisão (a partir de pesquisa documental e de campo sobre um caso específico - da Rádio Independente).

3 ANÁLISES

Para recuperar a audiência e os patrocinadores após o surgimento da televisão, o setor radiofônico encontrou no jornalismo um eixo de programação. Com adaptações para o meio, focando na instantaneidade e no dinamismo, as emissoras garantiram a manutenção de suas atividades e mesmo a progressão do rádio, como é abordado na sequência. Esta dimensão é analisada a partir das categorias produção, profissionais e espaço.

a) Produção

A primeira experiência de radiojornalismo no Brasil, que foi a leitura de matérias de jornais por Roquette-Pinto, não teve produção. Os textos não eram adaptados ao meio, e tudo o que se fazia era acrescentar comentários às notícias apresentadas (JUNG, 2007). A técnica empregada era o *gilette press*.

Nos anos 30, emissoras do centro do país foram importantes na transmissão de acontecimentos políticos, como a instituição do Estado Novo e o conflito entre legalistas e rebeldes em São Paulo (KLÖCKNER, 2004). Ainda na segunda década do rádio no Brasil, estações de várias partes do país implantaram programas chamados de “jornais falados”, que se valiam de uma estrutura organizada, com apresentação das manchetes e notícias veiculadas em blocos.

A presença de um repórter na rua também foi uma novidade dessa época, segundo Ferraretto (2002). Em 1937, na Rádio Gaúcha, por exemplo, o profissional realizava trabalho de campo. Ele se limitava a colher informações e anotar depoimentos da comunidade. Não era possível reproduzir sonoras porque o recurso do gravador era inexistente. Tudo o que o repórter apurava era apresentado pelos locutores dos programas, que utilizavam a técnica da entonação de voz.

O grande impulso na produção radiojornalística ocorreu em 1941, quando o *Repórter Esso* começou a ser apresentado nas ondas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, e depois viria a ter produção e veiculação em diversas emissoras do país. Cada rádio tinha o seu apresentador e produzia notícias locais. No entanto, a maior parte das informações eram internacionais, fornecidas pela *United Press International* (UPI).

O programa instituiu a síntese noticiosa no rádio brasileiro, prática utilizada até os dias de hoje. O noticiário mudou o conceito de jornalismo adaptado para esse meio de comunicação, pois tinha frases sucintas, sem adjetivos, e uma informação em cada frase (JUNG, 2007).

O *Repórter Esso* teve êxito também na televisão, sendo uma das primeiras práticas de jornalismo para o meio. Em 1953, três anos após o surgimento da TV no Brasil, conforme Pereira (2008), a Tupi passou a veicular o programa regularmente, se espalhando gradativamente para outras emissoras brasileiras. As características eram semelhantes às do rádio, com um apresentador lendo as notícias, que eram produzidas com formato adequado para a mídia.

No Rio Grande do Sul, o *Repórter Esso* foi apresentado de 1960 a 1965 pela TV Piratini. Por ser um estado deslocado do eixo do país, as notícias nacionais e internacionais eram veiculadas com dias de atraso, já que a geração de imagens era feita pela UPI e enviada para Porto Alegre a partir de centrais de distribuição do Rio de Janeiro e São Paulo. Porém, Reis (2012) afirma que esse *delay* não era um fator negativo perante a audiência, que, ainda impressionada com a tecnologia, não se importava em acompanhar notícias que hoje chamaríamos de ultrapassadas.

O primeiro telejornal brasileiro com veiculação simultânea para todo o país em tempo real, valendo-se da interligação de todo o Brasil pelas micro-ondas, foi o *Jornal Nacional*. A apresentação na TV Globo iniciou em 1969 e o

programa continua sendo uma referência em informação na televisão nacional até a atualidade.

Voltando o foco para a radiofonia, o setor encontrou no aprimoramento da produção jornalística uma possibilidade de competir com a televisão. A nova mídia iniciou com grande parte da programação voltada ao entretenimento, que era até então o que havia de mais relevante no rádio. Para se distinguir, os diretores da radiodifusão investiram na instantaneidade e no dinamismo, atributos inerentes ao meio.

O formato de programas com ênfase em jornalismo, esporte e prestação de serviços foi um dos primeiros indicativos de reação do rádio (ZUCOLOTO, 2004). A organização com foco na divisão do roteiro entre esses conteúdos se consolidou nos anos 60 e 70 em emissoras como a Rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, a Jovem Pan e a Bandeirantes, de São Paulo, e a Guaíba, de Porto Alegre. Mazzarino (2009) observa que a regionalização foi uma das consequências, pois o cerne das informações veiculadas, especialmente a utilidade pública, tinha relação com o espaço geográfico em que o veículo estava inserido.

Os repórteres de rádio, que outrora tinham de se contentar com os apresentadores lendo as informações que haviam coletado, tinham agora o seu trabalho potencializado pelo uso do gravador. Na década de 1960, a Rádio Jornal do Brasil implantou a utilização de sonoras (áudios de entrevistas) nos noticiários.

Aos poucos, os recursos tecnológicos foram possibilitando a transmissão ao vivo das ruas. O rádio passa a ser instantâneo. Inicialmente havia dificuldades técnicas em função da necessidade de contar com linha telefônica. Del Bianco (2008) salienta que nos anos 80, o transmissor-receptor – aparelho instalado dentro das unidades móveis – possibilitou que o repórter entrasse ao vivo no ar, qualquer que fosse o ponto onde estivesse. O trabalho se tornou ainda mais ágil em meados da década de 1990, conforme a autora, quando os profissionais valeram-se dos celulares para transmitir das ruas.

Os programas sob a condução de um âncora, que chama noticiários e repórteres e faz entrevistas, tiveram forte propagação nas rádios do Rio Grande do Sul. Em 1975, a Guaíba iniciou o *Agora*, focado em variedades e entrevistas. Em 1983, a Gaúcha introduziu em sua programação uma fusão entre os formatos *all news* (tudo notícias, na tradução livre para o português) e *all talk* (tudo conversa, também na tradução livre). O estilo acabou sendo denominado de *talk show*, um gênero onde o apresentador conversa com o ouvinte. A pauta desse tipo de programa se dá através de entrevistas, reportagens e interação da audiência, com o âncora comentando os assuntos que são abordados (FERRARETTO, 2001).

O modelo foi adotado por outras emissoras, mesmo que com adaptações à cultura organizacional de cada uma. Um exemplo é a Central Brasileira de

Notícias (CBN), referência em radiojornalismo no Brasil, que instituiu o *all news* em 1991 (DIAS in DEL BIANCO; MOREIRA, 1999). Atualmente o formato é a marca de diversos veículos, como a Band News. Ainda no contexto de dinamização das rádios, destaque para a repetição constante de notícias nos programas, como a cada 15 minutos, atendendo à rotatividade da audiência.

A evolução na produção jornalística da Rádio Independente pode ser exemplificada traçando uma comparação entre as décadas. Nos anos 50 e 60, quando a informação era veiculada basicamente no início da manhã e ao meio dia, além dos noticiários de hora em hora, não havia elaboração própria de conteúdo jornalístico. O *gilette press* e a rádio escuta de emissoras de Porto Alegre eram as alternativas para munir-se de informações.

Destaque ainda para o *Panorama*, iniciado em 1963, que era uma espécie de editorial sobre os acontecimentos locais e nacionais. O programa tinha comentários do apresentador e a veiculação de notícias. Em termos de cobertura local nos anos 60, o principal agente propulsor eram as eleições.

A década de 1970 também teve a prática da rádio escuta e do *gilette press* na redação do veículo, mas a veiculação de notícias locais também era feita. Conforme o relato de locutores da época, havia produção de notícias policiais e políticas, sempre com foco nos municípios da região. No final dessa década, a reportagem de rua era uma prática que enriquecia o radiojornalismo. Ainda que o repórter não tivesse a possibilidade tecnológica de fornecer informações ao vivo do local onde estivesse, ele gravava entrevistas com as fontes e as reproduzia posteriormente. Importante ressaltar que nessa época, devido à falta de concorrência com outras mídias na região, não havia a atual inquietação em veicular as notícias com instantaneidade.

Em 1970, a Independente passou a cobrir as enchentes do rio Taquari e seus afluentes. O serviço, além de ampliar o conceito de radiojornalismo local, foi e continua sendo um serviço de utilidade pública fundamental para as comunidades ribeirinhas de todo o Vale. Baseados nas informações da emissora sobre o nível do rio e a perspectiva de elevação ou retração das águas, a população decide por permanecer em casa ou deixar suas residências.

O radiojornalismo passou a ser o foco da programação das primeiras horas da manhã, ainda que mesclado com música, a partir do início do *Acorda Rio Grande*, em 1982. No horário de maior audiência da emissora, dada as repercussões nas conversas sociais, o programa investiu em informações agrícolas, regionais, policiais, serviços, previsão do tempo, esportes e entrevistas, elementos que integram o espaço até a atualidade. Trata-se do carro chefe da rádio. O programa segue um formato presente nas emissoras do estado e do país. Sua particularidade é o espaço proporcionado a informações policiais e rurais.

A produção jornalística foi intensificada e aperfeiçoada a partir de 1986, quando o já experiente comunicador Heron de Oliveira instituiu gradativamente

no *Encontro Maior* um formato de programa com entrevistas, quadros e unidade móvel. Foi o trabalho do repórter da móvel, com informações ao vivo das ruas, que tornou a emissora uma referência em agilidade na veiculação de informações. Entre os assuntos repercutidos pelo profissional estavam casos de polícia e problemas de infraestrutura nos municípios.

Nos anos 90, com o radiojornalismo consolidado nos turnos da manhã e da tarde, o desafio foi descentralizar a apresentação dos programas. Na maioria dos componentes da programação, o locutor era responsável por praticamente todos os quadros, com exceção das unidades móveis. Essa concentração de funções foi pulverizada nos anos 2000, quando os responsáveis pela geração dos conteúdos começaram a ir aos microfones para noticiar o que haviam apurado. A atribuição atualmente é intrínseca ao trabalho de um radiojornalista no veículo.

A produção jornalística nos dias de hoje é fruto de uma evolução histórica. Todos os programas possuem produção, que define pautas e marca entrevistas, reportagem ao vivo das ruas e apresentação de notícias regionais, policiais e gerais por repórteres que trabalham especificamente nessas funções. Muitas vezes os profissionais se valem da veiculação de sonoras durante os quadros noticiosos. A linguagem utilizada nos noticiários da Independente é adaptada para o meio, com frases sucintas e poucos adjetivos, fruto da qualificação dos jornalistas, tema da sequência desta pesquisa.

A radioescuta não é mais praticada para a formulação dos noticiários. O recurso da pesquisa em *sites* de informação e em jornais ainda é utilizada, principalmente para o noticiário de hora em hora e alguns quadros específicos, mas sempre com ajustes do texto para a plataforma radiofônica. Além do rádio, os profissionais produzem conteúdo (texto, fotos, vídeos e hipertexto) também para o portal da Rádio Independente na *internet*..

Os avanços produtivos, principalmente a partir da década de 1970, fazem parte de um conceito que então era novo na emissora, com ênfase no jornalismo. A mudança é apontada pelos entrevistados nesta pesquisa como consequência da popularização da TV no Vale do Taquari. Mas as alterações na forma de desenvolver o radiojornalismo partiram não apenas das necessidades de evolução a partir da mídia televisiva. Esse processo também ocorreu em função da exigência do público regional, dos novos aparatos tecnológicos e de tendências de programação que surgiram em emissoras da capital, que são referência em muitos aspectos para o interior.

Portanto, a intensificação da produção na Rádio Independente, do mesmo modo que o foco jornalístico, ocorreu a partir dos anos 80, duas décadas após ter iniciado esse processo no cenário estadual e nacional. Atualmente as condições produtivas estão equiparadas às emissoras focadas no radiojornalismo em todo o país. A variação se dá em função do contexto geográfico em que a emissora está inserida.

b) Profissionais

Em função da própria característica do meio, o rádio, em sua fase romântica, valorizava muito mais os radioatores e animadores de programas de auditório e musicais do que profissionais cuja atividade fosse centralizada no jornalismo. Os locutores que apresentavam notícias e mesmo os repórteres que colhiam informações na rua não tinham especialização. As suas tarefas eram cumpridas com base na experiência prática. O tom de voz grave, principalmente até os anos 80, era uma exigência para os radialistas.

Como a televisão teve forte influência do rádio em sua fase inicial no Brasil, também não havia nessa mídia a preocupação com a qualificação acadêmica dos funcionários. Parte dos atores e apresentadores veio da radiofonia com as suas aptidões definidas e, posteriormente, aplicadas para a TV. A especialização necessária foi a da parte técnica, pois os futuros operadores não tinham conhecimento aprofundado do manuseio de câmeras, luzes e outros equipamentos. Para aperfeiçoar o serviço desses, foi promovido em 1959 um curso de quatro meses na TV Tupi, no Rio de Janeiro, inclusive com participação dos precursores da televisão no Rio Grande do Sul (REIS, 2012).

Mesmo no período pós-televisivo, a atuação dos profissionais de rádio continuou sendo muito mais fruto da prática do que da especialização teórica. As faculdades de jornalismo ainda eram escassas no país. A qualificação foi ocorrendo conforme a necessidade das emissoras e a oferta de cursos, a ponto de atualmente muitas rádios não admitirem funcionários sem graduação ou ao menos em fase de formação acadêmica.

Para os locutores, o timbre de voz continuou sendo um requisito. O entendimento era de que uma fala imponente seria mais atraente aos ouvintes. Essa condição começou a perder força na década de 1980 em função da instituição de programas no formato *all news* e *all talk* – ou *talk show*, como na Rádio Gaúcha. Algumas emissoras passaram a adotar um modelo mais conversado, com interação entre âncora e repórteres, em detrimento do formato de leitura de notícias com imposição vocal pelos apresentadores, de acordo com Thomé et al. (2001).

Na Independente, a exemplo das demais rádios brasileiras, não havia profissionais com especialização no segmento nas primeiras décadas de funcionamento da emissora. Até os anos 80, os funcionários ganhavam experiência no próprio exercício da profissão, com mescla entre entretenimento e radiojornalismo. Radioatores, apresentadores de programas de auditório e musicais e mesmo os locutores de notícias se enquadravam nesse contexto.

A última década do século XX já tinha o radiojornalismo implantado na maior parte da programação diurna. Os radialistas, muitos deles remanescentes da época do entretenimento, não eram pessoas com estudo jornalístico para exercer a função. Ainda assim, nesse período, em função do conteúdo veiculado, já era necessário que o perfil dos comunicadores sofresse alterações.

Ao invés de ler cartas de ouvintes que ofereciam músicas, era preciso saber qual a entonação de voz para determinado tipo de notícia, por exemplo.

A contratação de jornalistas formados ou em formação iniciou a partir dos anos 2000, principalmente na segunda metade, até porque nessa década a Univates, instituição universitária da região, passou a oferecer esse curso de graduação. No quadro atual, a maioria dos integrantes do Departamento de Radiojornalismo alcança essa condição. Mesmo os que não se formaram na área têm experiência prática na produção de jornalismo por já terem ingressado na emissora em um momento em que esse tipo de conteúdo era o norte da programação. A voz grave, seguindo uma tendência nacional, não é requisito na empresa. A valorização se dá muito mais na iniciativa de propor e desenvolver pautas jornalísticas.

Com um rádio segmentado na informação, naturalmente os universitários que buscam emprego na área em que estudam procuram emissoras com o perfil da Independente. O processo de profissionalização do quadro de funcionários foi uma consequência da mudança de perfil do veículo, mas também da oferta de cursos de Jornalismo em universidades gaúchas, principalmente na Região Metropolitana e nos vales do Taquari e do Rio Pardo.

Dessa forma, em relação a outras emissoras, a profissionalização na Independente foi concomitante. Conforme as opções de graduação foram surgindo e a audiência exigia conteúdos jornalísticos, a emissora teve a sensibilidade de contratar profissionais formados ou em formação na área. Essa medida, de uma forma geral, qualificou o conteúdo veiculado em função do conhecimento teórico dos profissionais aplicado ao cotidiano do rádio.

c) Espaço

Antes do surgimento e da consolidação da TV no Brasil, as rádios tinham momentos esporádicos de veiculação de programas ou quadros de notícias. Com atenção mais voltada ao entretenimento, havia alguns noticiários em horários específicos, quase isolados. Entre os exemplos estão o *Repórter Esso*, com cinco minutos de duração e veiculação em média quatro vezes ao dia. Também houve experiências com jornal falado, repórteres de rua e coberturas eventuais de grandes acontecimentos.

A televisão, em suas primeiras experiências, trazia o jornalismo intercalado com novelas, programas de auditório e filmes. Não se pode afirmar que o espaço para a informação era reduzido em estados como o Rio Grande do Sul, pois a emissão ocorria apenas à noite. Dentro dessa limitação de tempo, o telejornalismo tinha sua importância, mesmo que o eixo da programação fosse o lazer.

Passado o impacto do fenômeno televisão no rádio, o jornalismo passou a ser o centro das atenções. Os programas voltados à diversão foram substituídos pelos informativos. Cada emissora fez a transição ao seu tempo, mas invariavelmente houve o direcionamento para esse conceito, com exceção

da maioria das que operam em frequência modulada (FM), cuja programação em sua maior parte continua voltada à música e ao entretenimento (FERRARETTO, 2001).

O espaço do radiojornalismo na Independente foi sendo ampliado na mesma proporção em que a emissora adquiria esse perfil. Se nas duas primeiras décadas havia alguns momentos destinados à informação pela manhã, ao meio dia e na hora cheia, nos anos 70 foi instituído, por exemplo, o repórter de rua. Ainda que esse profissional não trouxesse informações ao vivo de onde estivesse, ele ampliava e dinamizava a cobertura regional, pois trazia sonoras de fontes ao invés de apenas relatar o que elas diziam.

No início dos anos 80, o jornalismo recebeu um espaço a mais na grade da rádio com o *Acorda Rio Grande*. O começo da manhã passava a contar com notícias gerais e locais. Ainda nessa década, o *Encontro Maior* ampliou o tempo destinado à informação na parte da manhã e foi determinante para que a empresa entendesse que esse deveria ser o foco dos programas.

Sendo assim, a década de 1990 foi marcada pela instituição de programas radiojornalísticos também à tarde, o que se consolidou e é seguido até hoje. A programação diurna atual, praticamente toda voltada ao jornalismo, apenas cede espaço para esporte e eventos em alguns horários do dia. A expansão do tempo destinado a conteúdos informativos é uma das consequências mais notáveis do impacto da televisão na emissora lajeadense, tendo em vista que a revogação do entretenimento foi motivada pela mídia televisiva. Hoje, de segunda à sexta-feira, das 24 horas que a emissora fica no ar, 21 horas são destinadas à informação, considerando-se os programas esportivos e a *Voz do Brasil*.

Esse fenômeno foi observado na Independente. No entanto, cada emissora determina de modo diferenciado seus espaços informativos conforme sua estratégia de gestão.

4 CONSIDERAÇÕES CONCLUSIVAS

A Independente, ainda que tenha demonstrado interesse pelo segmento de notícias desde a sua fundação, focou a programação nessa área somente na segunda metade da década de 1980, consolidando nos anos 90 foco no radiojornalismo o dia inteiro. Essa mudança de perfil ocorreu duas décadas depois em relação ao que já se observava no cenário nacional. Outras emissoras, ainda, passaram a centralizar suas grades de programação no radiojornalismo ainda nos anos 60, quando o meio precisou se recuperar do impacto da televisão.

Na produção jornalística, a Rádio Independente se valeu de tecnologias que permitiram a instantaneidade, com transmissão ao vivo do local onde os acontecimentos se passam. Também houve a implantação de novos formatos de programas, roteirização, regionalização, utilidade pública, interação, entre outros elementos. Essa maximização da produção de radiojornalismo, iniciada

na segunda metade dos anos 80, foi verificada duas décadas depois de outras rádios brasileiras já estarem intensificando e dinamizando a veiculação de informações.

Essa mudança de foco exigiu transformações no trabalho do quadro funcional da empresa. Locutores caracterizados pela animação de programas musicais tiveram de se adaptar à nova identidade, caso contrário não se enquadrariam no perfil proposto. Nos anos 80 e 90, as funções inerentes ao jornalismo foram desempenhadas por profissionais com prática de rádio, mas preponderantemente sem formação acadêmica. A contratação de graduados ou estudantes de Comunicação Social, especificamente do curso de Jornalismo, se intensificou na primeira década do século XXI, principalmente em função da oferta da graduação na área na instituição universitária da região.

O espaço voltado à informação, conseqüentemente, foi sendo ampliado na medida em que a Independente determinou o radiojornalismo como o norte de sua programação. Nos anos 70 havia mais tempo destinado ao entretenimento, na década de 1980 a programação matutina aderiu ao jornalismo em sua plenitude, agregando-se ao meio dia, e nos anos 90 toda a grade diurna passou a ser voltada ao segmento. Atualmente, em condições normais, a programação de segunda a sexta-feira tem 21 horas diárias de informação, seja jornalística ou esportiva. No cenário estadual e nacional, cada rádio tem poder de decisão sobre o espaço destinado às notícias, conforme a realidade local e a capacidade interna de produzir conteúdos jornalísticos.

As tecnologias foram essenciais para a competitividade do rádio em relação à televisão. Ainda assim, não há relação direta entre os aparatos tecnológicos utilizados pelo setor radiofônico e o meio televisivo. Na Independente e em qualquer outra rádio, a adesão aos equipamentos é consequência do advento dos mesmos. Assim, a emissora foi adquirindo gradativamente os novos aparelhos destinados à produção e à transmissão e, por meio deles, potencializando a sua abrangência e a qualidade de sinal e dos conteúdos veiculados.

REFERÊNCIAS

CÉSAR, C. **Rádio: A Mídia da Emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

DEL BIANCO, N. **Remediações do Radiojornalismo na Era da Informação**. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-remediacao-radiojornalismo-era-da-informacao.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2013.

DIAS, C. E. M. **A Rádio que Toca Notícias**. In: DEL BIANCO, N.; MOREIRA, S. V.. **Rádio no Brasil: Tendências e Perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado Rio de Janeiro; Editora Universidade de Brasília, 1999. p. 61 - 68.

FERRARETTO, L. A. **Rádio: o Veículo, a História e a Técnica**. 2º ed. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 2001.

FERRARETTO, L. A. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40): dos pioneiros às emissoras comerciais**. Canoas: Editora da Ulbra, 2002.

JUNG, M. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2007.

KLÖCKNER, L. O Repórter Esso e Getúlio Vargas. **Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação**, 2004. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74695668814433177230257016087316867641.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

MAZZARINO, J. M. **A cidadania da Escuta**. Lajeado: Editora Univates, 2009. E-book. Disponível em: <https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/23/pdf_23.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2014.

PEREIRA, L. C. A. Os Avanços Tecnológicos no Telejornalismo Brasileiro: de 1950 à Era Digital. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2008. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-livia-avancos-tecnologicos.pdf>>. Acesso em: 14 out. 2013.

REIS, S. L. P. **O Back Stage da Televisão no Rio Grande do Sul**. 2012. 299 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

THOMÉ, L. T. et al. **Na onda do progresso: O Papel do Rádio no Desenvolvimento do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Alternativa consultoria, 2001.

ZUCOLOTO, V. R. M. **As Transformações da Notícia de Rádio na Fase Pós-Televisão**. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, vol. 1, n° 1, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1896/1805>>. Acesso em: 03 out. 2013.